

## AS IMAGENS DE CRISTO NA OBRA DE EÇA DE QUEIROZ <sup>1</sup>

Aparecida de Fátima BUENO

**RESUMO** *Este trabalho se propõe a analisar as formas como a figura de Jesus aparece representada na obra ficcional de Eça de Queiroz, tomando por base, principalmente, três momentos dessa representação: A relíquia, “A morte de Jesus” e “O suave milagre”. Também apontar-se-á, mesmo que brevemente, a presença de Jesus Cristo nas obras de escritores contemporâneos de Eça: Guerra Junqueiro e Gomes Leal.*

**ABSTRACT** *This work intends to analyse how the figure of Jesus is represented in the fictional work of Eça de Queiroz, taking mainly into account three instances of such representation: A relíquia, “A Morte de Jesus”, and “O Suave Milagre”. Other occurrences of the same literary phenomenon, in literary works of authors of the same period of Eça’s, such as Guerra Junqueiro and Gomes Leal, will be briefly commented on.*

### INTRODUÇÃO

O século XIX foi, sem dúvida, sob certo ponto de vista, iconoclasta. A “morte de Deus”, decretada pela filosofia e pela ciência, certamente contribuiu para a revisão que se efetuou então na história do Cristianismo e na de seu fundador, Jesus Cristo. Foi um período profícuo para a exegese bíblica. Em Portugal, um grupo de escritores e intelectuais, que ficou conhecido como a Geração de 70, esteve sintonizado às principais discussões que ocorriam no cenário europeu de sua época. Preocupada em *interrogar sobre a identidade nacional*, essa geração questionou incisivamente o papel do clero na sociedade em que vivia. Sem dúvida, esse questionamento é um tema comum que congrega os principais nomes desse grupo. Também os influenciou uma série de exegeses laicas da vida de Jesus, de escritores

---

<sup>1</sup> Texto resultante de Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Teoria Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 7 de abril de 2000, sob a orientação do Prof. Dr. Haquira Osakabe.

como Strauss, Feuerbach, Renan, dentre outros, e que tiveram bastante repercussão quando foram lançadas. É nesse ambiente que um dos principais representantes dessa plêiade, Eça de Queiroz, produzirá sua obra.

Não há dúvida de que Cristo e a religião são questões bastante presentes na obra de Eça e centrais em pelo menos dois de seus romances: *O crime do padre Amaro* e *A relíquia*. Sem falar nas *Lendas de Santos*, evidentemente a religiosidade e a religião cristã estão em foco. Entretanto, o objetivo central da reflexão que pretendemos desenvolver aqui é investigar as várias facetas que, enquanto personagem, Cristo assume nessa obra, ou seja, nos contos “A morte de Jesus”, “O suave milagre”, e no romance *A relíquia*.

## OS CRISTOS DE EÇA

A primeira vez que Eça elege Cristo como personagem de uma de suas narrativas é em “A morte de Jesus”, publicado inicialmente na *Revolução de Setembro*, entre 13 de abril a 8 de julho de 1870, e considerado inacabado pelos exegetas da obra eciana. Num segundo momento é em *A relíquia*, que veio a lume em 1887. Por fim, em “O suave milagre”<sup>2</sup>, cuja última versão é de 1898. Nesses três momentos, a imagem que se constrói de Cristo é bastante controversa.

“A morte de Jesus” narra as memórias de um homem, Eliziel, que na juventude foi capitão de polícia do Templo. Já “velho e inclinado para a sepultura”<sup>3</sup>, como diz, decide registrar um episódio de sua vida, do tempo em que foi soldado, quando conheceu Jesus de Nazaré. Preocupado em “que se não perca a lembrança daquele homem justo e bom”, é que ele procura “dizer com simplicidade e verdade tudo quanto vi e compreendi da sua vida, tão breve pelos dias, tão longa pelas dores”<sup>4</sup>.

Dois famosos episódios bíblicos são narrados por Eliziel e marcam de maneira especial o seu relacionamento com Jesus: o da expulsão dos vendilhões do Templo e o da absolvição da mulher adúltera. Nos dois casos, Eliziel compactua com as atitudes de Jesus, com o fato de, *com uma palavra simples e genial*, este revelar a *hipocrisia duma raça ferida na sua essência*. Com isso, passa a admirá-lo ainda mais e o procura na esperança de que Jesus se transforme na “regeneração de Israel”<sup>5</sup>, como podemos ver pelos trechos abaixo:

---

<sup>2</sup> “Este conto surge pela 1ª. vez num volume intitulado *Um Feixe de Penas*, (...) publicado em 1885 (...). O seu título é af de *Outro Amável Milagre*. Uma 2ª. versão surge na *Revista Cor de Rosa*, Lisboa, 5-2-1897, com o título *Um Milagre*. A última versão é a da *Revista Moderna*, de Paris, que o publica sob a designação de *O Suave Milagre*, em 25-12-1898.” (Matos, 1988, pp.591-2).

<sup>3</sup> Queiroz, 1945, p.171.

<sup>4</sup> Queiroz, 1945, p.172.

<sup>5</sup> Queiroz, 1945, p.229.

– Eu digo que és um homem justo e uma elevada consciência das coisas divinas. Digo que és um homem mandado providencialmente, num tempo humilhado e vil, para erguer as almas, desmascarar as hipocrisias, vingar a pátria! Penso que se tens de ter uma ação no mundo, essa deve ser insurgir-te contra a aristocracia do Templo, contra este espírito estreito de Jerusalém, contra este culto pagão das tradições, contra o fariseu e contra o romano, ser o consolador e ser o vingador!<sup>6</sup>

– Rabi, Rabi, depois do fariseu, será a vez do romano! Tu serás o maior da Judéia: terás glorificado o pobre, terás humilhado o rico, terás aniquilado o hipócrita, terás expulso o romano: serás pela justiça igual a Ezequiel, pela força igual aos Macabeus: serás como David, terás a Palestina desde o Jordão até ao mar, e serás o rei de Israel.<sup>7</sup>

O Jesus personagem, fiel à imagem fixada pela ortodoxia, discorda de todas as palavras de Eliziel e, para terminar a discussão, diz “Vai-te: o meu reino não é deste mundo!...”<sup>8</sup>.

O conto termina a seguir com o Rabi retornando à Galiléia. Tudo leva a crer que realmente ficou inconcluso, pois, apesar de o título ser “A morte de Jesus”, não narra esta morte, mas apenas alguns momentos da vida de Cristo sob a óptica de um soldado do Templo.

Já em *A relíquia*, a presença de Jesus ganha destaque sobretudo no sonho que Teodorico Raposo, narrador-protagonista da história, tem com a Paixão de Cristo. A visão de Jesus que ele nos revela nesse sonho é bastante rebaixada. A absolvição da mulher adúltera, por exemplo, é considerada pelos adversários de Jesus como uma forma de escamotear a sua licenciosidade. Assim, eles argumentam: “quando o Rabi Jeschoua, desprezando a Lei, dá à mulher adúltera um perdão que tanto cativa os simples, cede à frouxidão da sua moral e não à abundância da sua misericórdia!”<sup>9</sup>.

A maneira nova de registrar o episódio da expulsão dos vendilhões do Templo, por sua vez, também contribui para esse processo de rebaixamento, já que Teodorico nos mostra Jesus cometendo uma injustiça social, ao favorecer os mercadores ricos, que podem pagar o aluguel do Templo, e expulsar os pobres, que vendiam à entrada do Pórtico, por não o poderem pagar. É justamente a estes, principais alvos da pregação de Jesus e que são defendidos no Evangelho, é sobretudo aos pobres que o Cristo de *A relíquia* prejudica. A reação de Teodorico, de compaixão pelo drama de um desses miseráveis expulsos por Jesus, e que pede esmola para tentar matar a fome de sua família, leva-o a tomar a decisão de “consertar” esse erro de seu deus:

Bati no peito, desesperado. E a minha angústia toda era por Jesus ignorar esta desgraça, que, na violência do seu espiritualismo, suas mãos misericordiosas tinham involuntariamente criado, como a chuva benéfica por vezes, fazendo nascer a sementeira, quebra e mata uma flor isolada. Então para que não houvesse nada imperfeito na sua vida,

---

<sup>6</sup> Queiroz, 1945, pp.232-3.

<sup>7</sup> Queiroz, 1945, pp.236-7.

<sup>8</sup> Queiroz, 1945, p.237.

<sup>9</sup> Queiroz, 1950b, p.181.

nem dela ficasse uma queixa na terra – paguei a dívida de Jesus (assim seu Pai perdoe a minha!), atirando para o saião do velho moedas consideráveis (...).<sup>10</sup>

Entretanto, o momento máximo desse rebaixamento, e conseqüente dessacralização, ocorre na nova versão que Teodorico nos dá para a morte de Cristo. Ele descobre que foi dado a Jesus um vinho narcotizado, para simular a sua morte, que os seus amigos roubam depois o seu corpo para reanimá-lo, mas fracassam e Jesus acaba morrendo. A saída encontrada então é enterrá-lo incognitadamente, pois “Era necessário, para o bem da terra, que se cumprissem as profecias!”<sup>11</sup>, deixando o outro túmulo, em que havia sido colocado de início, aberto e vazio.

Essa versão da morte de Jesus é, nas páginas de *A relíquia*, a responsável pela crença na ressurreição, negando-se assim a divindade de Cristo, que ele seja o Messias e filho de Deus. Com isso, afirma que a base sobre a qual tem se sustentado o Cristianismo não passa de uma “lenda inicial”, e que esta religião nasce graças a uma farsa, mesmo que essa farsa tenha sido, talvez, involuntária.

Diferentemente de *A relíquia* e de “A morte de Jesus”, em “O suave milagre” Cristo quase não aparece em cena. A história desse conto também se passa nos tempos bíblicos, porém, ao contrário dos outros dois textos, “O suave milagre” é narrado na terceira pessoa e, como nos informa o narrador, conta um período da vida de Jesus anterior aos que aparecem em *A relíquia* e “A morte de Jesus”: “Neste tempo Jesus ainda se não afastara da Galiléia e das doces, luminosas margens do Lago Tiberíade: – mas a nova dos seus milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivais e vinhedos, no país de Issachar”.<sup>12</sup>

Dois homens ricos e poderosos, sabendo dos feitos de Jesus, mandam seus servos em busca desse novo profeta, para que o encontrem e o tragam até eles, pensando assim solucionar seus problemas pessoais. Um deles, Obed, duma família pontifical de Samaria, e o outro, um centurião romano chamado Publius Septimus, comandante do forte que dominava o vale de Cesaréia, da cidade ao mar. Ambos usam o dinheiro, o poder ou a força que possuem para requestar Jesus, mas os servos e os soldados enviados para o encontrar não obtêm sucesso, apesar de a fama do Rabi, como nos diz o narrador, “radiantemente, como uma alvorada por detrás de serras”, crescer “consoladora e cheia de promessas divinas”.<sup>13</sup>

Todavia, uma pobre mulher e o seu filho aleijado, que vivem num casebre entre Enganim e Cesaréia, ficam sabendo, através de um mendigo, dos prodígios realizados por Jesus. O mendigo também lhes conta que o Rabi da Galiléia apenas aparece aos “ditosos que o desejo escolhia”, já que os ricos e poderosos, como Obed e Septimus, em vão mandaram os seus emissários em sua busca. Ao tomar

---

<sup>10</sup> Queiroz, 1950b, p.215.

<sup>11</sup> Queiroz, 1950b, p.264.

<sup>12</sup> Queiroz, 1951, p.287.

<sup>13</sup> Queiroz, 1951, p.292.

conhecimento dessas histórias acerca desse Rabi fabuloso, a criança manifesta o seu desejo de vê-lo. Ao contrário do empenho frustrado de Obed e Septimus para que Jesus viesse até eles e interviesse a seu favor, basta que esta pobre criança manifeste o seu desejo, para que Jesus lhe apareça e diga, sorrindo, “Aqui estou”<sup>14</sup>.

“O suave milagre” termina desta maneira e, apesar de a participação de Jesus na trama, enquanto personagem, ter sido mínima, podemos observar que este conto reproduz, de maneira similar, uma das imagens de Cristo que foi fixada pela ortodoxia: a de pai dos fracos e dos oprimidos. No discurso do narrador ressalta também a maneira extremamente lírica e elevada com que descreve tanto a Palestina daquele tempo, como as referências aos passos e feitos de “um novo Profeta, um Rabi formoso”, que “percorria os campos e as aldeias da Galiléia, predizendo a chegada de Deus, curando todos os males humanos”<sup>15</sup>.

Pela exposição feita, podemos observar que nos contos a imagem de Jesus não contradiz a da tradição bíblica, enquanto em *A relíquia* não apenas se nega essa tradição como o Cristo que aparece nas páginas do romance encontra-se bastante rebaixado. A primeira questão que nos pareceu relevante no desenvolvimento de nossa pesquisa foi entender o porquê dessa diferença de tratamento dado à figura de Jesus. As datas em que as obras foram publicadas pareciam não auxiliar muito, já que “A morte de Jesus” havia sido escrito em 1870, muito próximo de um período bastante combativo na vida de Eça e de sua geração, período de intensa atividade anticlerical, que foi o das Conferências do Casino Lisboense.

Todavia, precisamos considerar que, mesmo em *A relíquia*, apesar do rebaixamento a que a imagem de Cristo é submetida, há alguns momentos em que Teodorico revela admiração por Jesus e destaca o que considera algumas de suas qualidades. Quando sonha com o Diabo, por exemplo, a caminho da Palestina, diz:

Achei-me inexplicavelmente anterior nos tempos. Eu já não era Teodorico Raposo, cristão e bacharel (...). E aquele homem não era Jesus, nem Cristo, nem Messias – mas apenas um moço de Galiléia que, cheio dum grande sonho, desce de sua verde aldeia para transfigurar todo um mundo e renovar todo um Céu (...).<sup>16</sup>

Se, nesse momento, para ele, “aquele homem não era Jesus, nem Cristo, nem Messias”, por outro lado, esse *moço da Galiléia* (palavras com que o designa) – subtraído todo o peso que a História e a Religião atribuíram a seu nome – vem de qualquer jeito para *transfigurar todo um mundo e renovar todo um Céu*. É impossível não vermos nessas palavras de Teodorico a profunda impressão que lhe causa o responsável por tal missão.

---

<sup>14</sup> Queiroz, 1951, p.298.

<sup>15</sup> Queiroz, 1951, p.287.

<sup>16</sup> Queiroz, 1950b, pp.194-5. O itálico é nosso.

Há ainda uma outra passagem em que o sobrinho de D. Maria do Patrocínio revela a sua admiração pela figura de Jesus. Caminhando a esmo, Raposo acha-se num sítio em que encontra uma “árvore ilustre”, de onde extrairá a relíquia que pretende levar à tia. Tece então as seguintes considerações:

É que me encontrava certamente diante duma árvore ilustre! Fora um galho igual (o nono talvez) que, arranjado outrora em forma de coroa por um centurião romano da guarnição de Jerusalém, ornara sarcasticamente, no dia do suplício, a cabeça de um carpinteiro da Galiléia, condenado... Sim, condenado por andar, entre quietas aldeias e nos santos pátios do Templo, dizendo-se filho de David e dizendo-se filho de Deus, *a pregar contra a velha Religião, contra as velhas Instituições, contra a velha Ordem, contra as velhas Formas!*<sup>17</sup>

Não é essa bandeira – a mesma que coloca aqui nas mãos de Cristo – que Eça e seus companheiros de geração levantaram ou, ao menos, almejavam para si, no período talvez mais combativo de suas vidas que foi o das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense? Não foi justamente *contra a velha Religião, contra as velhas Instituições, contra a velha Ordem, contra as velhas Formas*, que eles se revoltaram? Parece não haver dúvida de que há aqui uma proximidade entre os ideais que pertenceram um dia ao jovem carpinteiro da Galiléia, pelo menos como Jesus está sendo visto nesse momento em *A relíquia*, e os que os tomaram para si, numa determinada fase de suas vidas, Eça e a sua geração.

António José Saraiva destaca que certas qualidades humanas, morais (não divinas nem transcendentais), atribuídas a Cristo, exerceriam forte sedução sobre Eça<sup>18</sup>. Apesar disso, não há como negar que esse personagem aparece representado, na obra do escritor português, de maneiras distintas, e que o Cristo de *A relíquia* tem, de um modo geral, um tratamento bastante rebaixado, se comparado aos de “A morte de Jesus” e de “O suave milagre”. Talvez isto se explique porque Eça, neste romance, parece pretender mais do que criticar a Igreja laica e materialista de então – crítica essa que ele já havia realizado, com bastante sucesso, aliás, em *O crime do padre Amaro*. O seu objetivo, em *A relíquia*, parece ser ir mais fundo: pôr abaixo o próprio Cristianismo, revelando que ele se erige sobre uma fraude. Que crítica maior poderia ser feita à *velha Religião* do que aquela que revela que as suas estruturas basilares estão fundadas numa mentira?

É preciso também ressaltar que nessas duas passagens em que Jesus não aparece rebaixado, ele está sendo tratado por um *moço* ou um *carpinteiro* da Galiléia. O que se valoriza nesses momentos é o homem que viveu essa história, e não o *Jesus Cristo (divino e transcendente)* da Igreja e da tradição. Podemos pensar que, ao não ser nomeado como Jesus Cristo, o personagem de Eça está sendo despojado dos atributos que estão associados ao seu nome e que estão relacionados

---

<sup>17</sup> Queiroz, 1950b, p.144. Os itálicos são nossos.

<sup>18</sup> Cf. Saraiva, 1982, pp.84-5.

diretamente com o conteúdo ideológico do Cristianismo, que, em *A relíquia*, segundo nos parece, se quer mais que tudo combater.

De qualquer modo, o que se depreende da leitura dos diversos Cristos de Eça é que ele realmente parece separar as imagens de Jesus Cristo da Igreja Católica – e salvaguardar as imagens de Jesus – pelo menos quando não pretende demolir a Instituição religiosa, como parece ocorrer em *A relíquia*. Ou seja, que reservaria, sempre que possível, uma imagem positiva para o herói do *Novo Testamento* e a sua mensagem, mas cobrando dele o empenho revolucionário, como ocorre em “A morte de Jesus” e nos dois momentos de *A relíquia* que vimos acima. Afinal, naqueles dois trechos o que se destaca é que o *moço da Galiléia* vem com o objetivo de *transfigurar todo um mundo* e que o *carpinteiro* é condenado por *pregar contra a velha Religião, contra as velhas Instituições*, etc. Portanto, o que se destaca mais uma vez, quando se quer elevar Jesus, é o caráter revolucionário de sua atuação.

Para completar essa reflexão, há uma passagem de *A cidade e as serras* que consideramos interessante rever. Nela, Jacinto e José Fernandes discutem, do alto da Basílica do *Sacré-Coeur*, a respeito da Cidade, “augusta criação da Humanidade”, como ironicamente a define o narrador. Nas críticas que então fazem, sobretudo dando ênfase aos problemas sociais que se acumulam nesse espaço, José Fernandes imagina que só o surgimento de “um milagre novo, mais alto que os milagres velhos”, poderia converter novamente as almas:

O burguês triunfa, muito forte, todo endurecido no pecado – e contra ele são impotentes os prantos dos Humanitários, os raciocínios dos Lógicos, as bombas dos Anarquistas. (...) Eis pois esperança da terra novamente posta num Messias!... Um de certo desceu outrora dos grandes Céus; e, para mostrar bem que mandado trazia, penetrou mansamente no mundo pela porta dum curral. Mas a sua passagem entre os homens foi tão curta! Um meigo sermão numa montanha, ao fim duma tarde meiga; uma repreensão moderada aos Fariseus que então redigiam o *Boulevard*; algumas vergastadas nos Efrains vendilhões; e logo, através da porta da morte, a fuga radiosa para o Paraíso! Esse adorável filho de Deus teve demasiada pressa em recolher a casa de seu Pai! E os homens a quem ele incumbira a continuação da sua obra, envolvidos logo pelas influências dos Efrains, dos Trêves, da gente do *Boulevard*, bem depressa esqueceram a lição da Montanha e do lago Tiberiade – e eis que por seu turno revestem a púrpura, e são Bispos, e são Papas, e se aliam à opressão, e reinam com ela, e edificam a duração do seu Reino sobre a miséria dos sem-pão e dos sem-lar! Assim tem de ser recomeçada a obra da Redenção. Jesus, ou Guatama, ou Cristina, ou outro desses filhos que Deus por vezes escolhe no seio duma Virgem, nos quietos vergéis da Ásia, deverá novamente descer à terra de servidão. Virá ele, o desejado?<sup>19</sup>

Nessa fala de José Fernandes também encontramos uma profunda admiração por esse Messias, que vem para pregar uma *nova Ordem* e expulsar os novos *vendilhões*. Se *os prantos dos Humanitários, os raciocínios dos Lógicos, as bombas dos Anarquistas*, como diz, são impotentes contra o *endurecido burguês*, a única

---

<sup>19</sup> Queiroz, 1950, p.107.

saída que considera é o retorno desse *desejado*. Afinal, os representantes dos valores legados por Cristo, os *Bispos* e os *Papas*, aliaram-se à opressão e reinam ao lado dela. Podemos pensar que estamos realmente diante dos *vencidos da vida*, pois parece que apenas uma solução fantástica, como a volta de um *filho de Deus*, pode solucionar as crises desse século; pelo menos é o que se depreende dessa fala de José Fernandes.

É importante registrar que no trecho acima o episódio bíblico da expulsão dos vendilhões é visto positivamente, de maneira semelhante como ocorre em “A morte de Jesus”. Já em *A relíquia*, vimos que esse mesmo episódio aparece de maneira negativa, sendo mais uma forma utilizada pelo narrador para criticar Jesus.

Talvez o que nos ajude a entender os diferentes modos como esse episódio bíblico é retratado na obra eciana relaciona-se com as facetas que assumem, em cada um desses textos, os vendilhões do Templo.

Em “A morte de Jesus”, os expulsos pelo Rabi são os mercadores e, em *A cidade e as serras*, os burgueses. De fato, podemos pensar que no caso desses dois textos os vendilhões representam, de certa forma, a “classe burguesa”, que se pretende neles criticar. Tanto no conto como em *A cidade e as serras*, Jesus, de certo modo, terça armas para lutar contra uma classe que oprime justamente aqueles que, segundo as narrativas evangélicas, ele vem defender, isto é, os pobres. Portanto, ele destaca-se sobretudo por ser um homem de ação, um revolucionário que luta contra os poderosos e opressores, os *Efrains* e os *Trêves*, que cada época é capaz de produzir.

Já em *A relíquia*, Jesus expulsa os mercadores pobres, enquanto os ricos acabam sendo beneficiados por sua atitude, pois, como argumentamos, neste romance, ao que tudo indica, é a Igreja laica e opressora que se quer combater. Por isso, o Cristo precisa aqui ser rebaixado, dessacralizado, e nenhum de seus atos deve servir para glorificá-lo, já que para se demolir a Instituição, fundada sob as lendas que narram as suas ações excepcionais e falam da sua existência sobrenatural, há que denunciar a falibilidade desses atos e não apenas negar, mas demonstrar que essa existência sobrenatural, penhor de sua divindade, funda-se numa fraude.

É preciso considerar, também, que Eça retrata Cristo em momentos distintos da vida deste. Tanto em “A morte de Jesus” como em “O suave milagre” são narrados episódios da vida do Rabi anteriores à Paixão; anteriores, portanto, ao início da Igreja Católica, Instituição que, em *A relíquia*, se quer mais do que criticar. Eliziel está preocupado com o Cristo revolucionário, que vem para libertar o seu povo do jugo romano e da influência opressora dos velhos partidos aristocráticos judaicos:

Ao voltar a Jerusalém, pensava nele [Jesus]: via-o irritado e augusto: imaginei-o cheio da cólera do justo e da rebelião do oprimido: o que ele pregava decerto era a condenação do rico e a humilhação do fariseu. Era o que tu precisavas, Jerusalém, dizia eu, era um profeta amado e seguido, que fosse a alma duma infinita desgraça que se vingasse, que erguesse o povo, aniquilasse os sacerdócios corrompidos, expulsasse o romano, que reconstituísse nas



almas a velha Israel, nas instituições a velha Judéia, que fosse o homem forte e puro, e o continuador dos Macabeus.<sup>20</sup>

É esse Cristo que vem para resgatar o pobre e o oprimido, condenar os ricos, aniquilar o sacerdócio corrompido, expulsar o romano; que vem, portanto, para promover uma verdadeira revolução nessa sociedade, é esse Cristo revolucionário que se quer no conto “A morte de Jesus”. Já em “O suave milagre”, se não temos um Cristo brandindo as armas, ele, entretanto, desprezará ou ignorará tanto a força da aristocracia religiosa, representada pelo velho Obed, que é, como já foi dito, de uma família pontifical de Samaria, como também o poderio do opressor estrangeiro, personificado no centurião romano Publius Septimus. Ambos, a aristocracia sacerdotal e o comandante a serviço do dominador, independente do poder ou força que possuam, têm seus apelos ignorados por Jesus, que só aparece, como vimos, à pobre e miserável criança doente e a sua mãe.

Em *A relíquia* os tempos são outros. Não é essa velha sociedade que se quer destruir, mas a *nova* sociedade, erigida, de certo modo, a partir da antiga, com a corrupção dos ideais pregados por Jesus Cristo. Se pensarmos bem, a sociedade contemporânea de Eça parecia não estar tão distante da de outrora, pelo menos do modo como Eça de Queiroz a registrou em sua obra. Os *novos vendilhões* de *A relíquia*, se não comercializam mais os animais oferecidos em sacrifício, traficam no entanto com as relíquias consideradas sagradas, praticam a simonia descaradamente, com anúncios nas folhas públicas e a aquiescência e o aval do sacerdócio corrompido. Tanto é assim que Raposo imagina – caso tivesse tido a *coragem de afirmar* que a camisa de dormir da Mary era uma prenda dada a ele por Santa Maria Madalena, e que a carta da amante era de fato um agradecimento da santa pelas orações, dirigidas a ela, e feitas por ele – que se caso tivesse *gritado, com segurança*, que essa era a verdade, que teria o reconhecimento da Igreja, seria beatificado e herdaria os bens da tia:

E quem o duvidaria? Não mostram os santos Missionários de Braga, nos seus sermões, bilhetes remetidos do Céu pela Virgem Maria, sem selo? E não garante a *Nação* a divina autenticidade dessas missivas, que têm nas dobras a fragrância do paraíso? Os dois sacerdotes, Negrão e Pinheiro, cômicos do seu dever, e na sua natural sofreguidão de procurar esteios para a Fé oscilante – aclamariam logo na camisa, na carta e nas iniciais, um miraculoso triunfo da igreja! A tia Patrocínio cairia sobre o meu peito, chamando-me ‘seu filho, seu herdeiro’. E eis-me rico! Eis-me beatificado! O meu retrato seria pendurado na sacristia da Sé. O Papa enviar-me-ia uma Bênção Apostólica, pelos fios do telégrafo.<sup>21</sup>

Como vemos, participariam dessa comédia, imaginada por Teodorico, dos sacerdotes menores até o Papa; e, por mais absurda que essa história pudesse

---

<sup>20</sup> Queiroz, 1945, p.181.

<sup>21</sup> Queiroz, 1950b, p.347.

parecer, seria possível que ele a engendrasse, já que ela poderia ser avalizada, do mesmo modo que o são *os bilhetes, sem selo, remetidos do Céu pela Virgem Maria*.

*A relíquia* foi uma obra de início bastante rejeitada pela crítica, que via nela um momento menor do trabalho do escritor português. No entanto, a nosso ver, nem os escritores contemporâneos de Eça, nem os que vieram depois foram tão fundo na revisão e crítica que fizeram da imagem de Cristo e do papel da Igreja na sociedade portuguesa de então.

## OUTRAS REPRESENTAÇÕES DE CRISTO: OS COMPANHEIROS DE GERAÇÃO

A obra de Eça não foi a única, da sua Geração, que teve Jesus Cristo como personagem. Gomes Leal e Guerra Junqueiro também se aventuraram a apresentar o *carpinteiro da Galiléia* com um perfil, de modo geral, pouco ortodoxo. Portanto, também contribuíram para a revisão que se efetuou nesse período na imagem de Jesus.

Parece que a década de oitenta, do século XIX, foi definitiva para essa releitura da vida de Cristo. Durante essa década, vieram a lume as seguintes obras: de Gomes Leal a *História de Jesus para as criancinhas lerem*, de 1883, e *O Anti-Cristo*, cuja primeira versão<sup>22</sup> é de 1886; de Guerra Junqueiro *A velhice do padre eterno*, publicada pela primeira vez em 1885; e de Eça de Queiroz *A relíquia*, que, como já vimos, é de 1887.

Do mesmo modo que Eça, Gomes Leal tratará de formas distintas a figura do fundador do Cristianismo em *História de Jesus para as criancinhas lerem* (1883) e nas duas versões de *O Anti-Cristo* (1886-1908)<sup>23</sup>.

Algumas características da *História de Jesus*, de Gomes Leal, revelam que, nela, a imagem de Jesus é construída seguindo com fidelidade as narrativas evangélicas, como o próprio autor admite no prefácio à primeira edição: “Poderia ter resumido também a letra dos outros evangelhos não sancionados, onde vêm muitos episódios da infância de Jesus; mas conservei apenas a tradição dos quatro

---

<sup>22</sup> Segundo Coimbra Martins (1972-1973, p.317), a impressão de *O Anti-Cristo* “deve ter começado em 1884, como se depreende da página de título; mas terminou em 1886, data do lançamento do poema”. A respeito das duas versões de *O Anti-Cristo*, vale a pena conferir o ensaio desse crítico, citado na bibliografia final, em que compara as duas versões do poema de Gomes Leal e a obra homônima de Nietzsche.

<sup>23</sup> Não há espaço nesse ensaio para desenvolvermos a comparação entre essas duas obras de Gomes Leal. Entretanto é curioso o fato de que em 1883 o poeta considerasse a vida do poeta da Galiléia como modelo exemplar que deveria ser ensinada às criancinhas, e, concomitantemente, entre 1884-1886, publicasse uma obra que apresenta Cristo como sinônimo do Mal, não devendo servir de modelo a ninguém.

Evangelistas, para que não possam ter escrúpulo as almas místicas, nem as mães piedosas<sup>24</sup>.

Se parece ter o cuidado de não ferir o escrúpulo das almas místicas e das mães piedosas, como diz, justificando o fato de ater-se apenas aos Evangelhos canônicos, ou seja, à versão oficial da vida de Jesus, por outro lado, Gomes Leal, na seleção que faz dos fatos dessa vida, e que compõem a **sua** história, exclui os elementos maravilhosos e sobrenaturais que, na versão bíblica, estão presentes em abundância na vida de Cristo.

Se Gomes Leal quer registrar, através de seus versos, a admiração que tem pela “história desse simples poeta da Galileia, que vivia no meio da Natureza e das almas virgens, ensinando a encher as redes aos pescadores, conversando com as Samaritanas, convertendo os Publicanos, consolando os doentes”<sup>25</sup>, e deve servir, portanto, de modelo às criancinhas que o lerem, de outro lado, o retrato que faz do *poeta galileu*, que considera pessoa excepcional, omite os atributos divinos presentes nas narrativas evangélicas. Ou seja, Leal parece estar mais preocupado com o resgate das qualidades humanas e morais do Cristo Histórico do que em defender a sua prerrogativa de filho de Deus, de segunda pessoa da Santíssima Trindade.

Como procuramos apontar, mesmo que brevemente, essa posição de Leal é muito próxima da adotada por Eça e os coloca em sintonia com seus colegas de geração<sup>26</sup>.

Um outro membro dessa plêiade, Guerra Junqueiro, também revisitará a figura de Cristo em diversas fases de sua vida literária. Além de *A velhice do padre eterno*, deixou outras duas obras, póstumas, que têm Jesus como personagem: *O caminho do céu*, de 1925, e o poema inconcluso *Prometeu libertado*, de 1926.

Em *A velhice do padre eterno*, Jesus aparece quase sempre como uma vítima: quer de Deus, como aparece no prefácio da segunda edição<sup>27</sup>, quer da traição de Judas, ou ainda do demolidor Voltaire e dos rumos que a sociedade cristã tomou com o passar dos séculos, como podemos verificar respectivamente na leitura de “A Caridade e a Justiça” e “A Semana Santa”. Mostra-se, é certo, impotente diante desses personagens que aparecem como seus algozes, mas não há uma censura

---

<sup>24</sup> LEAL, 1998, p.42.

<sup>25</sup> LEAL, 1998, p.41.

<sup>26</sup> Em um capítulo da minha tese, mostro como vários membros da Geração de 70 relacionaram-se ambigualmente com a figura de Cristo e procuraram resgatar os valores humanitários da pregação bíblica de Jesus.

<sup>27</sup> Nesse prefácio, da edição de 1887, Junqueiro defendia o Rabi da Galiléia contra a *traculência do Sr. Padre Eterno*. É contra Deus que o poeta vocifera, e se admira de que “um pobre deus semita, desprotegido e bárbaro, um deus de 4ª. ou 5ª. classe, havia de fazer carreira tão longa e tão brilhante”. Considera então que Deus deve a sua fama – a carreira longa e brilhante – ao “Rabi, a Jesus, ao Nazareno, (...) ao filho sublime e desprezado que ele deixou morrer atrocemente numa cruz”: “deixou-o agonizar miseravelmente, cinicamente, naquela noite do Gólgota, em que o maior de todos os homens sofreu divinamente a maior de todas as ignomínias” (Cf. Junqueiro, s.d., pp.24-8).

expressa a essa impotência. Já em *Prometeu libertado* ele é o Salvador, o Remidor da Humanidade, e n' *O caminho do céu* assume a face do “Senhor do Resgate”, que ajuda o homem a superar as adversidades e reencontrar-se com Deus no Reino do Céu e da Glória.

## REFLEXÕES FINAIS

Os Cristos de Eça, Junqueiro e Leal têm especificidades próprias, apesar de alguns aspectos comuns que os aproximam. Primeiramente, nenhum desses autores tem uma visão única de Jesus. Em suas obras, encontramos várias imagens do *carpinteiro galileu*, algumas vezes bastante contraditórias como, por exemplo, os Cristos das duas versões de *O Anti-Cristo*, de Gomes Leal<sup>28</sup>. Esses autores também parecem destacar e valorizar uma imagem de Jesus em que estão acentuadas as características do Cristo histórico, que esteve ao lado dos pobres e oprimidos, que pregou a igualdade e a comunhão entre os homens. É um Cristo humano e a favor da humanidade que se quer resgatar. Aliás, essa é uma postura comum a vários outros membros da Geração de 70, como já comentamos.

Por certo, são os Cristos de Eça os que têm maior pendor heterodoxo. Sobretudo em *A relíquia*, já que nessa obra não são apenas os valores humanos de Jesus que se quer destacar, mas, principalmente, negar a sua divindade, como vimos em nossa análise da obra. De qualquer modo, foram essas imagens *revolucionárias* de Cristo, as de Eça de Queiroz, de Guerra Junqueiro e de Gomes Leal, que ajudaram a influenciar os Cristos vindouros que aparecerão mais tarde na literatura portuguesa. Afinal, a releitura que se fez nesse período da vida do fundador do Cristianismo inaugurou uma nova fase, no tratamento dado até então à figura de Jesus, e que terá larga tradição, mesmo se pensarmos apenas no poema VIII de *O guardador de rebanhos*, de Pessoa-Caetano, e no *Evangelho segundo Jesus Cristo* de José Saramago, citando apenas dois dos nomes mais conhecidos daqueles que, no século XX, aventuraram-se a ter Jesus Cristo como personagem em releituras com perspectivas pouco ortodoxas.

Gostaríamos de acrescentar que a revisão da vida ou da imagem de Cristo, como aparece na obra ficcional desses autores, acaba sendo, a nosso ver, mais inovadora do que toda a pregação do movimento anticlerical, no qual tanto eles como seus colegas de geração estiveram engajados. Se certamente o anticlericalismo

---

<sup>28</sup> A respeito das duas versões dessa obra, Coimbra Martins afirma: “O poeta que cantara o triunfo da Ciência [na versão de 1886] proclama agora o seu fracasso. Reabilitara o corpo e a matéria; passa a afirmar a superioridade e uma espécie de ubiquidade do espírito. Melhor: ensinara que não havia espírito; agora entende que afinal tudo é espírito. Negara a imortalidade da alma e a outra vida, agora acredita em ambas, está certo de uma e de outra. (...) Na primeira versão do poema, triunfa o Anti-Cristo; na segunda, Cristo volta ao mundo, e reina novamente nos Céus. Assim seja! Na primeira, Cristo é o maior mal; na segunda, é o Bem absoluto e a única esperança da humanidade.” (Martins, 1972-1973, p.334).

não era algo novo em Portugal<sup>29</sup>, na época da publicação dessas obras, desmistificar ou dessacralizar a imagem do fundador do Cristianismo sem dúvida o era. Além do mais, numa nação fortemente católica, como ainda é Portugal, se considerarmos pelo menos as pesquisas feitas<sup>30</sup>, essa nova forma de ver Jesus, inaugurada pela Geração de 70, certamente é um modo de *agitar a opinião pública* e, quiçá, uma tentativa de reestruturar essa sociedade.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOMINGUES, Bento. (1988). *A religião dos portugueses*. Lisboa: Figueirinhas/Porto.
- JUNQUEIRO, Guerra. (s.d.). *A velhice do padre eterno*. Lisboa: Europa-América.
- \_\_\_\_\_. (1929). *O caminho do céu*. In: *Vibrações Líricas*. Porto: Lelo & Irmão, pp.57-7.
- \_\_\_\_\_. (1929). *Prometeu libertado*. In: *Vibrações Líricas*. Porto: Lelo & Irmão, pp.99-136.
- LEAL, Gomes. (1998). *História de Jesus para as criancinhas lerem*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINS, António Coimbra. (1972-1973). Os três Anti-Cristos. *Bulletin des Etudes Portugaises et Bresiliennes*, Publié par L'Institut Français de Lisbonne, t. 33-34, pp.317-352.
- MATOS, A. Campos. (1988). (org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho.
- QUEIROZ, Eça de. (1945). A morte de Jesus. *Prosas Bárbaras*. Porto: Lello & Irmão, pp.167-237.
- \_\_\_\_\_. (1950). *A cidade e as serras*. Porto: Lello & Irmão.
- \_\_\_\_\_. (1950b). *A relíquia*. Porto: Lello & Irmão.
- \_\_\_\_\_. (1951). O suave milagre. *Contos*. Porto: Lello e Irmão, pp.287-298.
- \_\_\_\_\_. (1950c). *O crime do padre Amaro*. Porto: Lello & Irmão.
- SARAIVA, António José. (1982). *As ideias de Eça de Queiroz*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand.
- SERRÃO, Joel. (1971). *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Figueirinhas/Porto.

---

<sup>29</sup> Joel Serrão (1971, p.156), no *Dicionário da História de Portugal*, afirma que “Em Portugal, pode-se dizer que o anticlericalismo data quase da fundação da nacionalidade”.

<sup>30</sup> A este respeito, o resultado de uma pesquisa, realizada em abril de 1985, e publicada no jornal português Diário de Notícias, dá-nos conta da dimensão, ao menos estatística, da presença da Religião Católica em Portugal, já que nos apresenta os seguintes dados: pessoas religiosas 90%; católicos 89%; ateus 3%; indiferentes 7% (Cf. Domingues, 1988, p.15).